

Confronto entre estudantes e policiais do batalhão militar leva seis adolescentes para o hospital. Eles foram atingidos com gás lacrimogêneo. Especialistas consideram ação exagerada

Bope fere alunos em escola

Renato Alves
Da equipe do **Correio**

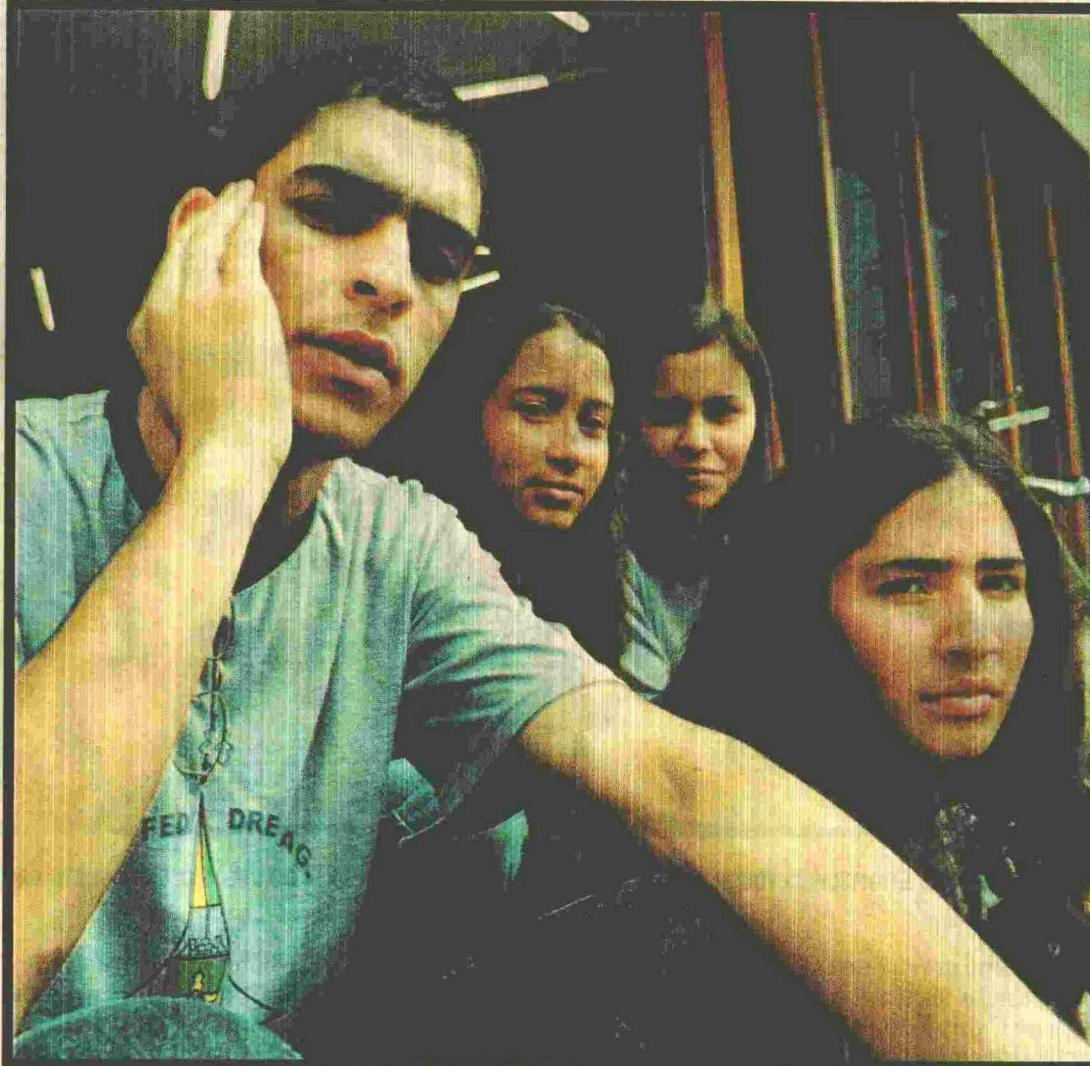
Correria, agressões e gás lacrimogêneo. A cena de violência, comum em manifestações grevistas, aconteceu ontem de manhã no Centro de Ensino Médio Ave Branca, em Taguatinga Sul. A confusão começou depois que soldados do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope) foram chamados para averiguar uma falsa denúncia de bomba na escola. Seis estudantes saíram feridos no confronto com os policiais.

Os oito policiais do Bope chegaram à escola por volta das 9h. Ordenaram que todos saíssem das salas de aula e se reunissem no pátio principal. No momento, havia cerca de mil alunos. Depois de uma hora e meia, os policiais terminaram a varredura. Os militares entraram no carro estacionado no pátio interno. No momento que os soldados se preparavam para deixar o centro de ensino, um grupo de quase cem alunos ficou no portão da escola, impedindo a passagem do carro. Os estudantes queriam sair junto com os policiais porque não queriam mais assistir aula. Eram 10h30.

Os policiais reagiram ao cerco. Com aparelhos de spray, jogaram gás no rosto dos adolescentes. Um garoto e cinco meninas foram para o Hospital Regional de Taguatinga com irritações nos olhos e na pele. Alguns apresentavam marcas pelo corpo, que dizem ser dos socos e pontapés dados pelos policiais.

"Tentei convencê-los a voltar para as salas. Mas não consegui. O comandante do Bope me disse que tinham de sair de qualquer jeito para atender a outra chamada em Sobradinho. Mas ele não dialogou com os

Nehil Hamilton



RENATO RODRIGUES, 18 ANOS, E COLEGAS FORAM PARA O HRT: SOLDADOS AGIRAM COM "SENSATEZ", SEGUNDO A PM

estudantes. Os policiais exageraram quando usaram o gás", contou o assistente da direção do colégio, Álvaro Lopes, que ficou no meio da confusão e quase teve os olhos atingidos pelo gás lacrimogêneo.

DOR E NERVOSISMO

Além de usar o gás, os policiais abriram caminho para o carro tirando à força os estudantes, que revidaram com

chutes. "O motorista disse que passava por cima de nós se fosse preciso. Levei um murro no peito e um chute na perna", relatou Renato Frederico Rodrigues, de 18 anos, aluno do 1º ano.

Ele e mais cinco alunas foram com os pais registrar queixa na delegacia de Taguatinga (12ª DP). Em seguida, fariam exame no Instituto de Medicina Legal para verificar as agressões. Caroline Rodrigues, 16, aluna do 2º

ano, chorava na delegacia. "Os policiais não disseram nada. Me empurraram e jogaram gás nos meus olhos. Bati com a cabeça no chão. Outros PMs que nos levaram para o hospital nos xingavam. Diziam que tudo era manha", desabafou.

Os pais dos alunos agredidos também não pouparam críticas à direção da escola. "Ninguém nos avisou de nada. Fiquei sabendo que a minha filha estava

no hospital por um colega dela", reclamou Isaura Rodrigues, 40, mãe de Caroline.

Para o chefe de Comunicação Social da PM, major Jair Lôbo Rodrigues, os policiais do Bope foram "sensatos". "Eles tinham três opções: usar armas de fogo, cassetetes ou gás lacrimogêneo. Usaram a arma menos danosa. A direção é que não teve sensibilidade ao não abrir o portão para os estudantes", afirmou. Segundo o major Lôbo, o uso de gás lacrimogêneo é indicado para confrontos em que os manifestantes estejam desarmados. "Esse era o quadro. Eram 100 contra oito. E os estudantes partiram para o confronto. Isso nunca tinha acontecido antes nesse tipo de operação", disse.

Em casos como o da escola de Taguatinga ou mesmo em conflitos de rua, o diretor do Departamento de Inteligência da Secretaria Pública do Rio Grande do Sul, major Leandro Ribeiro Fonseca, defende o diálogo e condena o uso de gás. "A polícia moderna tem que negociar até o fim. Vale a pena demorar, nem que seja três ou quatro horas, principalmente quando do outro lado estão adolescentes", ponderou.

Para a Comissão de Direito Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil do DF (OAB-DF), não há justificativa para o uso de gás dentro de uma escola. "Isso se faz em conflitos em vias públicas, que coloquem em risco a segurança da população. A ação foi, no mínimo, estranha", avaliou Paulo Machado Guimarães, um dos membros da Comissão da OAB-DF.

O delegado plantonista da 12ª DP, José Roberto Soares, instaurou inquérito depois de ouvir os estudantes, diretores do colégio e o comandante do Bope.